

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Herbert Victor Levy — Presidente
Luiz Fernando Ferreira Levy — Vice-Presidente

Paulo Roberto Ferreira Levy
Henrique Alves de Araújo
Roberto de Souza Ayres
Delacir Mazzini
Benjamin Constant Correa Junior

GAZETA MERCANTIL

4 JUN 1995

SEXTA-FEIRA, 2 DE JUNHO, E FIM DE SEMANA, 3 E 4 DE JUNHO DE 1995

Economia Brasil

Política econômica na linha da continuidade

Com a saída de Pêrsio Arida da presidência do Banco Central, o governo perderá um de seus mais brilhantes colaboradores na gestão do Plano Real, a um mês de o lançamento da nova moeda completar um ano. Mas isso não significa, de forma alguma, uma guinada na política econômica, que continua obedecendo às mesmas diretrizes que Arida ajudou a formular.

Quando uma personalidade do peso e da qualidade intelectual de Arida deixa a equipe econômica, são naturais as especulações sobre os motivos que o levaram a fazê-lo. Ele alegou "razões pessoais" para a decisão, tomada há cerca de um mês. Quaisquer que sejam as interpretações, Arida não sai do governo sob pressões, como às que esteve submetido na crise cambial do início de março, na qual se houve afinal tão bem, não deixando de esclarecer com precisão todas as questões levantadas à época.

Temos todas as razões para crer que, mesmo não mais participando diretamente das decisões da cúpula econômica do governo, Arida, pela sua experiência e pelo seu talento, será naturalmente convocado para opinar sobre questões mais complexas. É oportuno recordar que o economista foi um dos principais articuladores do Plano Cruzado, em seu período inicial, e merece, sem dúvida, ser considerado também um dos pais do Plano Real.

Para o lugar de Arida, o presidente Fernando Henrique Cardoso indicou o economista Gustavo Loyola, funcioná-

rio de carreira do Banco Central, do qual já foi também presidente, e que representa a garantia de uma transição tranquila em um posto de importância vital na gestão da política econômica. Loyola, por sinal, fora cogitado por Arida para auxiliá-lo, na qualidade de vice-presidente do Banco Central. Se a idéia não prosperou, o fato mostra o grau de afinidade entre o presidente que sai e o que o substitui.

Conhecedor das características de funcionamento do Banco Central e de seu relacionamento com o mercado, Loyola tem tudo para atuar como um eficiente operador na posição a que novamente ascenderá. Decisões críticas deverão ser tomadas nessa fase, como uma possível adaptação — não mudança de rumos — da política cambial, a calibragem da política monetária e as alterações que o sistema financeiro terá de sofrer, no bojo do processo geral de desindexação da economia, de acordo com um projeto amplo em preparo pelo governo.

Não faz nenhum sentido, a essa altura, atribuir a saída de Arida a sinais luminosos de uma recessão que já se desenhariam no horizonte. Houve, sim, uma desaceleração econômica, em parte induzida pelas medidas do governo e, em parte, resultante da greve dos petroleiros. Mas a diretriz sempre foi e continua sendo a de manter a economia em crescimento em bases sólidas, em um ritmo adequado ao programa de estabilização, como ainda ontem afirmou o ministro da Fazenda, Pedro Malan. Den-

tro desse enfoque, será possível uma rebaixa das taxas de juro, movimento, aliás, já iniciado anteriormente, sempre condicionado pelo grau de aquecimento da economia.

Não nos parecem igualmente procedentes as insinuações de que Arida teria deixado o cargo em razão de divergências políticas relacionadas à situação dos bancos estaduais sob intervenção. Franca e honestamente, o presidente demissionário do Banco Central declarou-se a favor da privatização desses bancos. E esta é exatamente a posição do presidente indicado, Gustavo Loyola. A questão é técnica e politicamente delicada, mas vem caminhando para o equacionamento, como no caso do Banespa, devendo as negociações ter continuidade, como assegurou o governador paulista, Mário Covas.

O que é preciso ter sempre em mente, não só nesse episódio de substituição de comando do Banco Central, mas também quando houver quaisquer outras alterações na equipe econômica, é que o fiador do programa de estabilização é o próprio presidente Fernando Henrique Cardoso. E sua firme disposição é a de orientar a política econômica para o fortalecimento do Plano Real, ao qual a sociedade deve grandes conquistas, como evidência a dramática desaceleração da inflação nos últimos onze meses. Outro compromisso de que o presidente não abre mão é com o prosseguimento das reformas constitucionais indispensáveis para proporcionar ao Brasil um futuro melhor.